



ESPAÇO DE EXPERIMENTAÇÃO
para a
FORMAÇÃO DOCENTE

DAIANE MODELSKI ** LUCIA GIRAFFA

Texto e Contexto

EDITORA

©2021DAIANE MODELSKI; LUCIA GIRAFFA
Todos os direitos reservados às autoras

TEXTO E CONTEXTO EDITORA

Diretora e editora-chefe: Néia Hauer

Capa, diagramação e projeto gráfico:

Texto e Contexto Editora

Revisão: Christianne Lemke

Doi

M691 Modelski, Daiane
 Espaço de experimentação para formação docente [livro
 eletrônico]/ Daiane Modelski; Lucia Giraffa. Ponta Grossa:
 Texto e Contexto, 2022.

111 p. ; il. E-book - PDF

ISBN : 978-65-88461-59-4

DOI: 10.54176/FMNH1763

1. Gestão educacional. 2. Docente - formação. 3. Prática
pedagógica. 4. Experimentação pedagógica. I. Giraffa, Lucia.
II. T.

CDD: 372.1

Ficha Catalográfica Elaborada por Maria Luzia F. B. dos Santos CRB 9/986

O conteúdo desta obra é de responsabilidade das autoras.
É proibida a venda desta obra sem a autorização das autoras.

Texto e Contexto

EDITORA


Câmara
Brasileira
do Livro

PREFÁCIO

Mára Lúcia Fernandes Carneiro¹

Escrever o prefácio de um livro, elaborado por uma professora que sempre me inspirou, é uma honra. Foi por intermédio da profa. Lucia Giraffa que conheci a Informática na Educação, e dela fui aluna na primeira edição do curso de especialização sobre esse tema. Muito trilhamos juntas, desde o I Simpósio Brasileiro de Informática na Educação e da minha aproximação com a Educação a Distância (EaD). Ou seja, lá se vão uns 30 anos de parcerias e trocas. Também tive a oportunidade de conhecer e trabalhar com a Daiane em diversos cursos a distância, oferecidos na UFRGS, quando ela colaborou conosco na inserção dos alunos e na apropriação dos recursos do ambiente virtual de aprendizagem. E essa parceria, iniciada em 2008, estendeu-se por vários anos, em cursos para professores e até para farmacêuticos iniciantes na EaD.

E agora vem a alegria de conhecer, em primeira mão, as invenções e as experimentações produzidas por essas professoras-pesquisadora, como também registrar a trajetória exitosa da Daiane, iniciada com a graduação em Pedagogia Multimeios e Informática Educativa e agora coroada com seu doutoramento em Educação.

Essa leitura, fluente e acessível, vai nos fazendo compor uma rede de conceitos e relações que vão surgindo a cada seção, propiciando uma reflexão sobre nossa prática diária e mostrando outras formas possíveis de preparar nossos professores e nos manter continuamente refletindo sobre nossa própria prática docente.

1. Especialista em Informática na Educação (PUCRS), Mestre em Ciência da Computação (PUCRS), Doutora em Informática na Educação (PPGIE/UFRGS). Professora Associada do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. mara.carneiro@ufrgs.br.

Muito se fala da formação de professores, anteriormente focada nas licenciaturas, cuja demanda se ampliou com o início da implantação de cursos a distância e, mais recentemente, com a adoção do ensino remoto em praticamente todos os níveis de ensino, devido às restrições da pandemia Covid-19.

No entanto, na maioria das vezes, essa formação parece equivaler mais a um treinamento em novos recursos ou tecnologias do que efetivamente permitir que o professor se aproprie das suas potencialidades, sentindo-se seguro para criar novas estratégias pedagógicas e aplicá-las em seu fazer docente. E o livro que agora apresentamos nos traz um outro olhar para esse momento de formação, propondo que ele promova mais do que a aquisição de novas habilidades e competências: a constituição de um professor pesquisador do seu próprio fazer.

Perrenoud (2013) questiona as diversas expressões que aparecem nos textos oficiais (como no caso da Base Nacional Comum Curricular), envolvendo a palavra “competência”, sem um conceito claro e comum. O autor assume a aplicação do conceito quando se fala do “domínio global de uma situação”, diferenciando de “habilidade”, aplicada a um “domínio de uma operação específica”. E, dentre tantas competências exigidas dos nossos professores, a questão da fluência digital se torna crucial em um momento em que as tecnologias passaram a fazer parte de seu dia a dia, independentemente de sua apropriação anterior. Nesse contexto, as autoras destacam a importância da competência *Fluência Digital*, a qual propicia a “internalização da cultura” e permite “acompanhar os avanços tecnológicos no mundo”.

Nessa mesma lógica, apresentando o conceito de estilos de aprendizagem e o uso das tecnologias, Barros (2014, p. 133) relaciona uma série de competências esperadas dos alunos, tais como: buscar informações em sites selecionados, saber explorar as ferramentas que o espaço virtual oferece, construir com os recursos disponibilizados no espaço virtual, saber trabalhar em grupos, saber

gerenciar as informações do espaço virtual, entre outros. Assim sendo, como o professor vai auxiliar seus alunos a desenvolver tantas habilidades e competências se não estiver preparado? E como vai se sentir seguro em experimentar outros recursos se não pode deles se apropriar de forma a adquirir confiança para explorá-los e inventar novas formas de uso com seus alunos?

Sob essa ótica, a ideia, apresentada no livro, de “Espaços de Experimentação Pedagógica (EEP) como ambientes estrategicamente pensados para que os professores tenham oportunidades de compartilhar suas aprendizagens, tirar dúvidas, aprender habilidades específicas, ter liberdade de criar e testar suas ideias” aponta um outro olhar para a preparação dos professores. Se o professor precisa conhecer os recursos de um ambiente virtual de aprendizagem, de modo a deles se apropriar e se sentir seguro para inventar formas de usá-los, ele necessita também de um espaço – de teste e experimentação – prévio à sua aplicação com os seus alunos.

Muitos dos professores iniciantes acabam por imitar ou repetir práticas dos seus antecessores, já que a sua formação pedagógica nas licenciaturas, em geral, prioriza as questões teóricas e não a prática docente. Inseguros, eles vão experimentando pequenos ajustes nas suas ações, em função muito mais da tentativa e erro do que da possibilidade de experimentar sua prática em um ambiente seguro, refletindo, analisando e compartilhando suas dúvidas com outros colegas. Ademais, as adaptações e acomodações que surgiram devido à pandemia fizeram com que inúmeros professores tivessem (como forma de manter contato com os seus alunos) que adotar as tecnologias de um dia para o outro, muitos deles sem qualquer apropriação prévia de seus usos básicos.

Nessa mesma linha, a possibilidade de criação desse espaço de formação diferenciado remete ao conceito de práticas pedagógicas como “dispositivos pedagógicos”, que

nos traz Larossa (2002). Para ele, essas práticas devem proporcionar ou transformar a experiência que a pessoa tem de si mesma. Isto é, baseado na visão foucaultiana da experiência de si, ele explica que “essa forma de relação do sujeito consigo mesmo pode ser expressada quase sempre em termos de um verbo reflexivo: conhecer-se, estimar-se, controlar-se, impor-se normas, regular-se, disciplinar-se etc.” (LAROSSA, 1994, p. 38). Larossa também aborda esse tema falando do “saber da experiência”, pensando a experiência como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” e o “sujeito da experiência” como “território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer”, que se estabelece “não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura”. (LAROSSA, 2002, p. 19). Ideias essas coerentes com a proposta das autoras de “planejar a formação docente continuada visando ao desenvolvimento de um perfil de professor pesquisador”, propiciando ações e planejando atividades que permitam essa reflexão sobre o seu fazer.

Contudo, tais propostas só serão possíveis se a gestão da instituição propiciar condições para que se realizem. Grandes dificuldades surgem quando, por exemplo, o professor não tem disponível um horário para participar da formação ou participa de formações muito técnicas ou teóricas, ou não há momentos de integração com os colegas, de forma a poder expor suas dúvidas e compartilhar experiências. Assim, as autoras destacam a importância da mudança cultural sobre os processos de formação docente inicial e continuada, no sentido de que sejam oportunizados espaços formativos “que possibilitem o compartilhamento de ideias e o planejamento”, e também propiciem a construção de significados no coletivo.

O livro, portanto, traz o relato de uma experiência, compartilhando ações, estratégias e resultados, a partir da constituição de um espaço de experimentação pedagógica

em uma escola envolvendo professores e alunos desde a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, e que pode servir de base para outras instituições. Em outros termos, buscando constituir esse espaço de experimentação, a coordenação pedagógica propôs diversas ações de forma a conhecer as demandas e expectativas dos professores, geralmente frustrados pela forma como ocorrem normalmente as “capacitações, mas também ouvir os alunos, que demandavam atividades mais práticas, aplicadas e que se utilizassem das tecnologias disponíveis”.

Interessante observar como aparece o registro do “desconforto” dos professores quando a gestão propunha a observação das aulas (o que é muito comum até no ensino superior), normalmente associada a algum tipo de avaliação de seu desempenho. Nesse caso, só a construção coletiva do significado dessa parceria é que permite a constituição de um ambiente de confiança e colaboração. Desse modo, a gestão pode conhecer melhor a realidade de seus professores em sala de aula, identificando as demandas específicas de formação.

Nesse sentido, o oferecimento de oportunidades de aprendizagem de recursos que podem, efetivamente, colaborar com sua prática docente fez com que os professores se engajassem na proposta e apoiassem as mudanças que foram sendo implementadas gradativamente.

Por fim, precisamos pensar um pouco sobre os desafios que agora virão. Enquanto o texto nos apresenta algumas ações realizadas para o retorno aos encontros presenciais, associados às restrições ainda impostas pela pandemia, é importante refletir sobre como será o futuro das nossas salas de aula.

No início dos 1990 a PUCRS ofereceu a primeira edição do curso de especialização em Informática na Educação, quando se discutia a relação entre a educação, a psicologia e a informática, em tempos com acesso restrito à internet e aos computadores. Hoje, fala-se em dispositivos móveis,

internet de alta velocidade, metodologias ativas, ensino híbrido e espaços de construção coletiva; portanto, a forma como se prepara os professores precisa mudar!

Por isso é fundamental que se reflita constantemente sobre esses processos de formação docente, constituindo espaços onde os professores sintam-se seguros para compartilhar suas dúvidas, suas experiências, seus erros e conquistas e, assim, podendo criar outras formas para seu fazer docente.

Termino agradecendo à Lúcia e à Daiane pela oportunidade de ler, em primeira mão, esse texto que me fez refletir sobre as inúmeras experiências de formação que já vivenciei como professora em formação e como formadora.

REFERÊNCIAS

BARROS, D. M. V. **Estilos de aprendizagem e uso das tecnologias**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2014.

LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. 2002, n.19, p.20-28. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>.

LAROSSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, T. T. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 35-86. PERRENOUD, P. **Desenvolver competências ou ensinar saberes?** A escola que prepara para a vida. Porto Alegre: Penso, 2013.